

# GARANTIR RESPEITO PELA CONSTITUIÇÃO

— Presidente Samora Machel no final da visita a Cabo Delgado

1/10/81

*Dos nossos enviados António Souto (texto) e Luís Souto (imagem)*

«É preciso garantir que a Constituição da República Popular de Moçambique seja respeitada do Rovuma ao Maputo» — disse na manhã de ontem o Presidente Samora Machel ao concluir a sua visita de sete dias à Província de Cabo Delgado. No termo desta visita o Chefe de Estado fez uma reunião de balanço com o Governo daquela província, tendo regressado ao fim da tarde à capital do País.

Na avaliação dos resultados desta visita salientou essencialmente situações que violam a legalidade no País, a necessidade de valorizar a reeducação como conquista da nossa Revolução e ainda o crescimento económico que se verifica sobretudo nas zonas cuja população mais se sacrificou para a libertação do País. Apon- tou também alguns erros que se verificam na perspectiva de desenvolvimento de certos projectos.

«Fundamentalmente, o nosso trabalho incidirá sobre a legalidade. O aspecto dominante do nosso trabalho foi a defesa da legalidade. Quando falamos da legalidade falamos da Constituição da República Popular de Moçambique. Falamos do respeito por esse documento bússola para a vida de todo o cidadão, para a vida da RPM. So respeitando a Constituição cada cidadão sentir-se-a tranquilo e protegido. O estado psicológico do cidadão tendo esta tranquilidade contribuirá com toda a sua energia e inteligência para a reconstrução da Pátria, para a edificação do socialismo e para o triunfo da batalha contra o subdesenvolvimento» — disse o Chefe de Estado.

Samora Machel explicou neste balanço que a guerra de libertação nacional visou vários objectivos. «O principal foi liquidar a injustiça, liquidar a opressão, liquidar todas as formas de opressão».

«A nossa guerra de libertação não era para substituir a injustiça portuguesa pela nossa, a injustiça europeia

pela africana; a Injustiça estrangeira pela nacional. Fazer a justiça a todos os cidadãos e um dever e um direito» — acrescentou.

Na sua visita a Cabo Delgado o Presidente Samora Machel visitou os centros de reeducação de Chamite e de Ruarua. Particularmente em relação a este último centro, onde se encontravam como reeducandos 76 combatentes das Forças Populares de Libertação de Moçambique para ali enviados por pequenos desvios, o Chefe de Estado constatou situações que desrespeitam o sacrifício consentido por homens que libertaram a Pátria.

«Encontrámos situações que agredem frontalmente a nossa política... Encontramos situações que ofendem a

nossa humanidade, o respeito que temos pelo homem, pelo cidadão».

Frisou que as punições dadas a alguns daqueles homens bem como outras situações de injustiça apenas podem ser explicadas pela acção da contra-revolução feita de forma subtil. «Não podemos admitir que na materialização da nossa política de reeducação se ponham em causa os nossos princípios».

«A violação das nossas leis cria um clima de instabilidade e insegurança. Cria um terreno fértil para o inimigo. Cria desconfiança no seio do Povo».

Ao analisar toda esta situação de desrespeito pela legalidade e abuso de poder o Chefe de Estado frisou

que a vários níveis e em diferentes sectores o poder revolucionário tem sido entregue a pessoas sem qualquer preparação e a oportunistas.

O Presidente Samora Machel deu também particular destaque ao significado que hoje assume o exemplo do 25 de Setembro de 1964 em Chai. «Em Chai declaramos um novo 25 de Setembro para vencer a década, da mesma maneira como vencemos o colonialismo português em 10 anos».

No decurso desta visita o Chefe de Estado apreciou o processo de desenvolvimento económico, incidindo particularmente na perspectiva de valorização das zonas que mais sofreram a guerra. «O que vimos mostrou-nos os nossos avanços».

Entre vários exemplos ditou o de algumas zonas onde antes não havia água e as pessoas tinham de marchar 8 horas e hoje já têm fontanários. Acrescentou ainda a introdução de culturas como o arroz e hortícolas antes ali desconhecidas e que hoje já constituem um contributo para a melhoria da dieta alimentar dessa população. Na base desta melhoria estão

sobretudo a construção de alguns regadios.

«Mas vimos sobretudo o homem como agente transformador da natureza. Um homem que começa a viver o valor do trabalho organizado, disciplinado, planificado. Um homem que começa a assumir a grandeza do desenvolvimento da Pátria».

Entre vários exemplos considerou ser necessário saber utilizar todos os recursos que estejam disponíveis, quer dizer não podemos deixar de colher o arroz com o argumento de que temos falta de mão-de-obra. O Povo está lá, o Povo está disposto».

«Quando planificamos o nosso crescimento estabelecemos metas que têm de ser cumpridas. Estabelecemos objectivos que todos nós temos de assumir. Assim, quando construímos um regadio não são apenas as Obras Públicas... Os trabalhadores precisam de ter saúde. Os filhos dos trabalhadores precisam de ter escola, de ter creches. As esposas dos trabalhadores precisam de estar enquadradas em tarefas produtivas, não podem constituir um peso morto».